

pronto a adorar o mesmo Deus de Cecília. O índio ajoelha-se ante o velho fidalgo e recebe o sacramento do batismo, beijando respeitosamente a cruz da espada de D. Antônio, que este lhe apresenta como símbolo sagrado. Apenas finda a comovedora cerimônia, entra Cecília, muito aflita, em busca do pai e ciente de que havia chegado também sua última hora. D. Antônio, porém, lhe comunica que Deus a quer salva e, apontando-lhe o fiel Peri, explica-lhe que com ele poderá deixar o castelo para ser levada junto de seus parentes no Rio de Janeiro. Cecília não quer separar-se do pai e insiste em ficar para com ele morrer; mas este ordena a Peri que a leve incontinentemente. Cecília, desesperada, desmaia. D. Antônio beija-a carinhosamente e a entrega a Peri, ordenando-lhe saísse o mais depressa possível. O índio diz ainda um último adeus ao nobre fidalgo e parte rapidamente levando Cecília.

Entram logo em seguida os aventureiros traidores, com Gonzales à frente, o qual, vendo a fuga de Peri e Cecília, quer perseguí-los. D. Antônio interpõe-se e coloca-se, ameaçador, ante a porta por onde fugiram o índio e a filha. Gonzales investe contra ele de espada em punho, enquanto D. Antônio, rapidamente, apanhando a tocha que iluminava o subterrâneo, atea fogo aos barris de pólvora, provocando uma tremenda explosão e o desmoronamento do castelo. Ele próprio e os aventureiros que o cercam caem mortos, enquanto que no fundo da cena se descortina o panorama dos arredores do castelo. Vê-se o campo dos aimorés ao longe e, mais perto, uma colina na qual Cecília cai de joelhos ao ver o desmoronamento do castelo. Peri procura ampará-la carinhosamente mostrando-lhe o céu.



*

4. FOSCA

Libreto de Antonio Ghislanzoni.

Primeira representação: 16 de fevereiro de 1873.

A ação se desenrola em meados do século X, em Veneza e nas costas da Istria. O 1º ato tem como cenário uma pequena enseada nas costas da Istria, ao amanhecer. É um esconderijo de corsários, que entram carregando fardos de mercadorias roubadas em suas pilhagens. Após animados comentários dos corsários que se regozijam com as últimas aventuras, entra Gaiolo que lhes comunica que a próxima investida será em Veneza, no dia da "Festa das Marias", quando, de acordo com um velho costume, deverão celebrar-se diversos casamentos da Igreja de São Pedro do Castelo. Gaiolo pretende invadir a igreja com seus corsários disfarçados e, durante a cerimônia nupcial, raptar as noivas ricas e retê-las como reféns a serem

resgatadas mediante avultadas quantias em dinheiro. Os corsários aceitam a proposta com entusiasmo, prometendo ao seu chefe auxílio e fidelidade.

Aproxima-se Cambro, escravo veneziano de Gaiolo: ouve as últimas palavras acerca do novo crime que se projeta, que ele também aprova, comunicando, ainda, que acaba de chegar de Veneza com boas novas do resgate que fora propor ao velho Senador Giotta, pai de Paolo, um jovem fidalgo veneziano que havia caído prisioneiro dos piratas num assalto cometido contra um navio. Cambro anuncia a próxima chegada de Giotta, que se propôs a vir pessoalmente trazer o dinheiro para o resgate do filho.

Fosca, que ouvira toda a conversa, diz que absolutamente não concorda com a entrega de Paolo, por quem se apaixonara loucamente. Gaiolo repreende a irmã com toda a severidade, dizendo-lhe que deveria se envergonhar desse louco amor. Retira-se, deixando Cambro em companhia de Fosca. A jovem penetra numa gruta no momento em que Cambro, dava vasa ao seu ódio contra Gaiolo, a quem pretende trair a fim de tornar-se chefe dos piratas. Ouvindo rumor de passos, esconde-se, a tempo de ver Fosca e Paolo saírem da gruta. Paolo julga ter chegado sua última hora de vida, porém Fosca declara-lhe que o ama e que poderá salvá-lo. Paolo repele aquele inesperado amor, confessando-lhe que já é noivo de uma jovem de Veneza. Fosca, cega de raiva e de ciúme, intima-o a entrar novamente na gruta, dizendo-lhe que ali será seu túmulo.

Entram Gaiolo e alguns corsários, que acompanham o velho Giotta. Paolo volta-se e, reconhecendo o pai, atira-se em seus braços, exultante de alegria. Gaiolo diz-lhes que estão livres, mas Fosca investe ameaçadoramente contra Paolo. Gaiolo interpõe-se em tempo e, segurando os braços da irmã, íntima a Giotta e Paolo a partirem imediatamente. Todos os acompanham até o navio; apenas Fosca permanece em cena, lamentando que Paolo tenha partido sem uma palavra de despedida. Cambro aproxima-se e propõe-se a trazer de volta Paolo, com a condição de Fosca casar-se com ele. A jovem, irrefletidamente, aceita a proposta, naturalmente sem avaliar o sacrifício que tal atitude representará para si própria.

O 29^o ato consta de dois quadros. O primeiro, em casa de Délia, a noiva de Paolo, no próprio dia do casamento. Os noivos, após a longa ausência forçada pela prisão de Paolo entre os piratas, trocam juras de amor. Paolo não esconde de Délia seu encontro com Fosca, por ele repelida por lealdade à noiva. Délia mostra-se simpática à jovem pirata, abençoando-a por ter cuidado de seu noivo em momentos tão difíceis. Ouve-se a voz de um vendedor ambulante. Paolo chama-o, pois deseja comprar alguma coisa para oferecer à noiva. Todavia, Délia, tomada de mau pressentimento, procura dissuadi-lo, mas o vendedor já havia entrado em sua casa. Este, não é senão Cambro, disfarçado em vendedor de jóias. Veio assim para melhor poder espionar Paolo e sua noiva, que ele pretende raptar durante a

cerimônia do casamento. Délia, apavorada com aquele homem em quem ela pressente um inimigo, não quer aceitar nenhuma das jóias que Cambro lhe mostra. Paolo despede o vendedor, que, ao sair, fixa demoradamente seus olhos em Délia a fim de bem reter sua fisionomia, e evitar qualquer engano no momento do rapto. Os noivos despedem-se e vão se preparar para a cerimônia.

O segundo quadro tem por cenário uma pequena praça fronteira à Igreja de São Pedro. Chegam os noivos e os convidados para o casamento. Fosca e Gaiolo, disfarçados em camponeses, e Cambro, com o mesmo disfarce de vendedor ambulante, comentam discretamente o planejado rapto. Ao som de uma marcha nupcial, inicia-se o cortejo das noivas. Rapazes, à frente do cortejo, dançam uma "furlana". Fosca, ao deparar com Paolo ao lado de sua linda noiva, quer impedir-lhes a entrada no templo. Gaiolo corre para a irmã, procurando evitar o escândalo. Embora Cambro, no momento propício, tenha conseguido raptar Délia e conduzi-la até o canal onde estão atracados os botes dos piratas, a sorte não favoreceu a Gaiolo, que acabou prisioneiro dos soldados venezianos, que chegaram para restabelecer a ordem, assim que os sinos da igreja tocaram o sinal de alarme. Fosca exulta ao ver sua rival prisioneira de Cambro e corre ao alcance dos dois.

Terceiro ato. Passa-se no reduto dos corsários. Délia é brutalmente arrastada para uma gruta. Está ainda com seu vestido de noiva, porém sem o véu e a grinalda e com os cabelos soltos, em desalinho. Treloucada, sem saber o que lhe está acontecendo ela se mostra cada vez mais apavorada. Ouvem-se, ao longe, outros gritos de mulheres atormentadas e passos que se aproximam. Fosca aparece com sua indumentária de pirata, como no primeiro ato. Délia a reconhece como a mulher que viu ao entrar na igreja para o casamento. Fosca confirma, e diz que tudo quanto fez foi apenas para facilitar o rapto, principalmente de Délia e Paolo, a quem hoje ela odeia e cuja morte já está decretada. Délia implora clemência, oferecendo sua própria vida para salvar a de seu noivo. Fosca hesita entre o amor e o ódio, mas, finalmente, aquele vence e, treloucada de dor, pensando no sacrifício que vai sofrer, sai com Délia em busca de um meio para libertar os dois amantes.

Entram diversos piratas interrogando-se mutuamente sobre a sorte Gaiolo, prisioneiro em Veneza, e pensando na maneira de voltar à cidade para salvar seu chefe. Quando se retiram, entra Cambro. Satisfeito com os últimos acontecimentos e a próxima morte de Gaiolo, pois os tribunais venezianos certamente o não libertarão, antegoza sua eventual posição de chefe dos corsários, com a vantagem, ainda, de vir a ser o esposo de Fosca, conforme promessa desta. Entra Fosca, profundamente abatida. Cambro pergunta-lhe que morte destinou aos dois prisioneiros e, com imensa surpresa, percebe que Fosca já não nutre aquele mesmo ódio

que de início manifestara para com os dois jovens; antes, pensa até em salvá-los. Isto prejudicaria os planos de Cambro, que, de maneira perversa, recomeça a insuflar ciúme e ódio no coração de Fosca; em sua fraqueza, Fosca cede novamente aos maus instintos e ordena a Cambro que vá buscar os jovens, aos quais terá prazer de anunciar, ela própria, a tortura e a morte que os espera. Cambro parte feliz, julgando ter restituído o necessário tom de crueldade ao fraco coração de Fosca, a quem pretende dominar apenas se confirme a notícia da condenação de Gaiolo e ele possa tornar-se, de fato, o chefe dos corsários da Istria.

O **quarto ato** também consta de dois quadros. O primeiro, no salão de audiências da "Signoria", em Veneza. Os senadores projetam a partida da frota para a manhã seguinte, mas o velho Giotta observa-lhes que, se esperassem mais um dia, seu filho Paolo poderia voltar à pátria à frente de seus barcos. Entra o doge, que é recebido com grandes demonstrações de respeito. Comunica aos senadores a estranha atitude de Gaiolo, que lhe mandou pedir uma audiência, visto ter graves segredos a lhe comunicar. Entra o chefe pirata conduzido por guardas e se prosterna em atitude de respeito ante o doge, que lhe pergunta quais são as revelações graves que pretende fazer. Gaiolo conta-lhe então que, ciente de que a sua própria irmã Fosca e Cambro espalharam a notícia de sua captura e morte, os corsários, seus fiéis companheiros, não tardariam a trucidar por represália Paolo e Délia, que se encontram prisioneiros na Istria. Giotta implora clemência para seu filho e o Doge pergunta, então, a Gaiolo qual seria o seu plano. Gaiolo responde que voltaria rápido para Istria e, encontrando Paolo ainda vivo, o mandaria imediatamente de volta para Veneza em companhia de sua noiva; mas se chegasse tarde, e os dois jovens já tivessem sido executados, ele mesmo voltaria para se entregar prisioneiro da República. O Doge hesita em confiar nas promessas do pirata, mas, como este, sempre cumprira a palavrada, e ainda instado pelos senadores, concorda em aceitar o pacto e deixa Gaiolo partir acompanhado de Giotta.

O segundo quadro tem cenário idêntico ao do primeiro ato. É noite de luar. Alguns corsários dormem recostados aos fardos de mercadorias roubadas. Paolo sai da caverna precedido por Cambro, que ordena vigilância, pois teme algum assalto das náus de Veneza; e depois, voltando-se para Paolo, diz-lhe que é chegada a sua hora e que se deve entender com Deus. Paolo, aflito, pede-lhe notícias de Délia, ao que Cambro responde com evasivas. Paolo permanece sozinho e desesperado, implorando a morte que o liberte daquele tormento atroz, pois está convencido de que sua adorada Délia já está morta.

Entra Fosca, seguida de alguns corsários, aos quais ordena prender Paolo para vingar a prisão de Gaiolo. Fosca acrescenta que a tortura de Paolo será longa e atroz, e Paolo responde que espera seu destino, seja ele qual for, com espírito sereno. Surgem outros corsários

trazendo Délia. Os dois apaixonados querem se atirar nos braços um do outro, mas Fosca não o permite. Oferece um veneno à Délia para que, tomando-o e morrendo, salve a vida de Paolo. Este pede-lhe para não cometer tal crime e Délia hesita sob os escârneos de Fosca, que ordena finalmente aos corsários a morte de Paolo. Fosca torna a oferecer o veneno a Délia e esta já o aproxima de seus lábios, quando se ouve a voz de Gaiolo que, do alto do rochedo, chama os corsários. Todos correm ao encontro do chefe. No alvoroço geral, Paolo e Délia atiram-se nos braços, um do outro, enquanto Gaiolo, indicando-os aos seus fiéis corsários, dá-lhes a ordem de levá-los imediatamente para a frota veneziana, que está cruzando a enseada de Istria. Paolo e Délia rejubilam-se, enquanto Fosca, perdidas todas as esperanças de amor e de vingança, toma o veneno que havia destinado a Délia.

Os corsários perguntam a Gaiolo se devem entregar os noivos a Cambro para que este os leve ao barco. Gaiolo responde que, ao descer em terra, verificando que Cambro já se havia oposto ao seu comando, fora obrigado a eliminá-lo. Induz Paolo e Délia a partirem, quando Fosca, já sob a ação do veneno, suplica-lhes que ainda permaneçam por um instante a fim de lhes pedir perdão por tudo que sofreram por sua causa. Paolo e Délia perdoam e partem, prometendo-lhe que abençoariam sempre a sua memória. Gaiolo e os corsários, cientes de que a frota veneziana ainda os ameaça, combinam novos planos de defesa e de ataque, enquanto Fosca, moribunda, pede ao irmão que a sustente até poder alcançar um recife, de onde ainda possa avistar, ao longe, Paolo e Délia que partem em busca da pátria, do lar e do amor. Apenas ela pronuncia um último adeus, cai morta nos braços de Gaiolo, que, depositando seu corpo no chão, ergue-se enfurecido, ameaçando Veneza e gritando por vingança, corre em direção ao mar, acompanhado no mesmo impulso de revolta e de ira por todos os seus corsários.

5. SALVATOR ROSA

Libreto de A. Ghislanzoni.

Primeira representação: Genova, 21 de março de 1874.

A ação transcorre em Nápoles, por ocasião da revolta contra os espanhóis, em 1647. O primeiro ato consta de duas cenas. A primeira mostra-nos o estúdio do pintor Salvator Rosa, que se encontra à frente de um cavalete, dando os últimos retoques num quadro que representa uma marinha com um vulto de mulher em atitude sonhadora. Gennariello, atrás do pintor, olha o quadro e observa que todas as figuras femininas de